



GOOD MORNING, MR. MANDELA: UMA NARRATIVA HÍBRIDA ENTRE HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

Sheila Dias da Silva Laverde (SME/LAALID/UFMT)
sheilasilvaufmt@gmail.com

Introdução

Inúmeras obras sobre Nelson Mandela já foram escritas. A maioria desses textos é de testemunhos de seus amigos e pessoas que tiveram algum relacionamento com ele. O próprio Madiba já escreveu suas memórias, vários apontamentos e até mesmo um livro infantil. Podemos ainda somar a essas narrativas, vários filmes e documentários acerca da vida desse que foi um dos homens mais admirados e reverenciados do mundo.

Neste artigo, temos como objeto de investigação *Good Morning, Mr. Mandela* (2015), cuja temática é a experiência vivida por Zelda La Grange após quase vinte anos ao lado de Mandela. Nessa narrativa, La Grange faz um tributo àquele a quem ela chamava *Khulu* (avô na língua xhosa), ao escrever sua versão e afirmando que ele havia sido um grande exemplo e que havia modificado sua vida.

As histórias de La Grange e Mandela se entrelaçam num momento ímpar da história da África do Sul, ela sendo uma jovem que apoiava o regime segregacionista do país e que passaria a trabalhar no gabinete do primeiro presidente negro da nova nação que surgia. Tudo o que La Grange acreditava saber sobre as pessoas negras cai por terra quando passa a conviver com ele. Mandela queria unir seu país e seu povo e, para isso, precisava deixar para trás todo um sentimento de vingança. Precisava que seus assessores representassem a nova África do Sul, formada por brancos e negros. Em sua posse, no dia 10 de maio de 1994 em Pretoria, ele deixa isso muito claro: “Chegou a hora de curar as feridas. Chegou o momento de transpor o abismo que nos separa. Já é chegada a hora de construir” (MANDELA, 2013, p. 80).

Se por um lado o novo presidente pensava em reconstrução, muitos brancos temiam a vingança e às vésperas da eleição, como La Grange nos conta em sua narrativa, muitos estocaram comida e água: “Esperávamos que as pessoas negras que controlavam o país nos

destituíssem dos serviços básicos, que atacassem as lojas e criassem um caos absoluto, sabotando a água e a energia dos bairros brancos. [...] Mas naquela noite nada aconteceu” (LA GRANGE, 2015, p. 34).

Para a minoria branca, que durante tanto tempo governou o país, eram momentos difíceis aqueles que estavam vivendo. Eles temiam que houvesse revoltas, que perdessem suas casas e até mesmo fossem mortos. Afinal de contas, durante décadas, os sul-africanos negros foram escravos, servos ou trabalhadores mal-remunerados, servindo os interesses dos invasores brancos. Mas com a ascensão de Madiba havia uma esperança para esse povo e um temor tomava conta de muitos brancos.

Esperava-se que destruíssemos uns aos outros e a nós mesmos coletivamente na pior das configurações raciais. Em vez disso, nós como povo escolhemos o caminho da negociação, da concessão e do entendimento pacífico. Em vez de ódio e vingança, escolhemos a reconciliação e a construção de uma nação (MANDELA, 2013, p. 80).

O Mandela que La Grange nos traz é um homem capaz de perdoar e de tentar reconciliar um país, onde negros e brancos pudessem conviver em paz. Infelizmente, não podemos dizer que conseguiu transformar todos os seus objetivos em realidade, mas como ele mesmo costumava dizer: “se eu mudar uma vida com minha história, terei cumprido meu dever” (LA GRANGE, 2015, p. 8).

O objetivo deste trabalho é demonstrar como é construída a narrativa memorialística de Zelda La Grange, tendo como fator mais importante, sua transformação pessoal que se dá a partir da convivência com Mandela. Pretende-se também desvelar como La Grange entrelaça a narrativa histórica com a de cunho pessoal, forjando uma narrativa híbrida entre a biografia (sobre Mandela) e a autobiografia.

Narrativa autobiográfica

No dicionário *Michaelis* online, “autobiografia é a narração de vida de uma pessoa, escrita por ela própria”. Mandela (2013), em sua autobiografia inédita, trouxe um conceito peculiar sobre esse gênero textual. Para ele, “uma autobiografia não é um mero catálogo de eventos e experiências em que uma pessoa esteve envolvida, mas serve também como uma espécie de roteiro que outros podem tomar como modelo para suas vidas” (MANDELA, 2013, p. 119). Já o maior estudioso desse gênero, o francês Philippe Lejeune (2008) vai mais

além. Para ele a “autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Para ele, o que caracteriza a autobiografia é a identidade entre narrador e autor, expressada através do pacto autobiográfico estabelecido com o leitor. Ele ainda nos diz que os autobiógrafos preocupam-se em estabelecer esse pacto com seu leitor desde o início de sua narrativa, através de justificativas, explicações prévias, na tentativa de estabelecer uma comunicação direta.

O pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes o autor mesmo - num movimento de sinceridade próprio à autobiografia - levanta: escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento (VILLAR, 2011 p. 11).

Mariana Santana Villar (2011) parafraseando Lejeune, declara que cabe ao leitor aceitar o texto literário e o pacto proposto nesse texto. É o leitor quem assina o pacto, mas sua assinatura não é passiva: “Ao contrário, trata-se de uma assinatura como ato, o que faz da leitura um processo ativo, uma re-escritura ou, o que seria mais adequado, uma co-escritura” (VILLAR, 2011 p. 4).

Para Villar, ao redigir suas memórias, um autobiógrafo tenta levar aos seus futuros leitores uma imagem que ele delineia a respeito de si mesmo. Assim, segundo ela, a autobiografia funcionaria como um discurso de poder, no qual o escritor deixa para as futuras gerações seu autorretrato em forma de texto. Ela ainda visualiza esse gênero literário especificamente como uma “busca pela imortalidade” (VILLAR, 2011 p. 5).

Villar conclui que toda autobiografia parece encerrar em si uma tentativa de seu autor de sobreviver a sua morte. A imortalidade do autobiógrafo, como afirma Villar ao apropriar-se das ideias de Lejeune, se dá quando ele assina seu texto. No caso de La Grange, parece-nos que seu intuito não é tornar-se imortal através de seu texto, de suas memórias, mas que os ensinamentos de Mandela permaneçam para sempre. Logo no início de *Good Morning Mr. Mandela*, ela nos revela que essa narrativa começou a ser escrita em 2009 como uma forma de homenagear Madiba: “Queria principalmente registrar minhas experiências na esperança de que outros fossem mudados e influenciados por minha história” (LA GRANGE, 2015, p. 6).

La Grange ainda nos informa que está feliz com o que fez de sua vida nos anos em que se dedicou a ele, quase vinte. Ela segue informando sobre o que esperar e o que não esperar de sua narrativa:

O leitor pode ficar desapontado se espera que eu lave muita roupa suja em público. Eu não desrespeitaria a confiança que Mandela depositou em mim. Essa é a maior honraria que ele poderia ter me oferecido – confiar em mim -, e eu pretendo prezar isso pelo resto da minha vida. O que decidi contar, e o que decidi omitir, no que lhe diz respeito, é baseado nessa confiança. Esse não é, portanto, um livro para contar tudo (LA GRANGE, 2015, pp. 6-7).

Percebemos então que La Grange vai travando um diálogo com seu leitor, como se ao criar essa conversa, ela pudesse expor algo que realmente acredita que deva ser dito e se justificar por algo que não irá dizer. Ela informa que sua autobiografia não vai se tratar de “grandes visões políticas ou uma dissecação de sua vida” (LA GRANGE, 2015, p. 7). Seu intuito é deixar Mandela orgulhoso: “[...] apesar de parecer que nossas vidas foram eclipsadas por negatividade e turbulências nos últimos dois anos, existe uma bela história a ser contada, e preciso admitir que sou parte dessa história e que é meu dever contá-la (LA GRANGE, 2015, p. 7). Torna-se claro que o diálogo entre o narrador e seu leitor já foi estabelecido quando La Grange assume que vai selecionar o que dizer: “O leitor é quem tem de decidir se há algo com o qual ele ou ela poderá se identificar, ou se há lições com as quais poderá aprender com minha história. Não sou eu quem decidirá isso” (LA GRANGE, 2015, p. 7).

Gabriel Moreira Faulhaber (2012) afirma que o leitor de autobiografia está entregue à curiosidade, que acredita que está lendo algo real. Para ele, o autor se expõe ao afirmar dizer a verdade sobre si mesmo. Quando começamos a leitura da narrativa de La Grange, ficamos curiosos por saber dos bastidores da vida de Mandela e acabamos por conhecer a vida dela também, a vida que ela dedicou a ele:

Eu havia aprendido a amar esse homem que em outra época fora inimigo do meu povo. Aos nossos olhos, ele lembrava medo. Tendo crescido na África do Sul do apartheid como africanos brancos, havíamos passado nossas vidas oprimindo esse povo representado por Nelson Mandela. Ele era a voz dos oprimidos e da luta pela libertação (LA GRANGE, 2015, p. 11).

No trecho acima, podemos perceber que, de certa forma, ela já se desculpa por atitudes e pensamentos que nos contará na primeira parte da narrativa. Antes, porém, declara seu amor incondicional a Khulu. Zilda deixa ainda mais aguçada a curiosidade de seu leitor que quer

saber como foi o relacionamento entre Zelda e Mandela e terá pela frente mais de quatrocentas e vinte páginas de uma belíssima narrativa, cujo discurso é muito poderoso, muito forte e que nos faz refletir sobre como crenças e preconceitos podem sofrer transformações.

O hibrismo em *Good Morning Mr. Mandela*

La Grange dividiu sua narrativa em quatro partes. A primeira corresponde aos anos de 1970-1994. Nessa fase, vemos o quanto ela era alienada ao que acontecia em seu próprio país e, ao rever suas memórias de infância, ela mesma assume que era racista. Ao relembra seu passado, percebe também que mesmo que nenhum membro de sua família tivesse participado do governo, eles agiam em pleno acordo com o sistema vigente, apoiando o regime de segregação. Para ela, eles sintetizavam a típica família africâner de classe média da época. Exibindo um modelo perfeito de cidadania da elite branca sul-africana.

Tudo era aceitável e inquestionável, pois o Partido Nacionalista era apoiado pela Igreja. E, segundo a Igreja, eles estavam certos. Para os brancos sul-africanos, como nos traz La Grange, negros eram todos aqueles que não eram brancos, quer fossem os mestiços ou indianos. E, naquela época, ninguém ousava tocar numa pessoa negra, pois havia uma crença de que eles não eram pessoas limpas, que aparentemente cheiravam mal. “Ninguém ousava tocar o rosto ou cabelo de uma pessoa negra. Era simplesmente impensável” (LA GRANGE, 2015, p. 20). Ela ainda acreditava que todos os negros eram comunistas e ateus, que não tinham educação e eram pouco inteligentes.

Essa visão estereotipada é condenada por Kabenguele Munanga (2004), ao afirmar que, no século XIX, a cor da pele passou a ser critério para a classificação da espécie humana, sendo a raça branca considerada superior às outras, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio, a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. O que Munanga assevera é que, para esses povos brancos, essas características os tornavam mais bonitos, mais inteligentes e muito mais capazes de dominar as outras raças, “principalmente a negra, mais escura de todas e, conseqüentemente, considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação” (MUNANGA, 2004, p. 19).

Foi somente no século XX, com os avanços das ciências, que os próprios biólogos chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica. Para Munanga, por mais

que esse conceito não se refira aos aspectos biológicos, existem ainda os ideológicos, políticos e sociais. Embora a raça não exista biologicamente, isso é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam: “O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos” (MUNANGA, 2004, p. 26).

Seguindo então, esse pensamento da supremacia branca, em 1992, no referendo que ocorreu na África do Sul para decidir ou não pelo fim do apartheid, La Grange foi uma das 875 mil pessoas que votaram contra¹. Algo que ela lamentaria mais tarde. No entanto, com o novo governo, algumas mudanças ocorreram. A primeira delas, como nos conta a autora da obra, foi o fato de que, pessoas negras deveriam ser contratadas para trabalhar nos órgãos do governo, mas, havia pouca mão de obra qualificada. Um dos motivos se dá, inclusive, pelo fato de que aos negros não foi dado o direito à educação e, conseqüentemente, à qualificação profissional.

Naquela época, La Grange decidiu então se candidatar a vaga de datilógrafa no departamento administrativo ligado ao gabinete do novo presidente. Antes, treinou dois rapazes negros que ocupariam cargos em seu antigo local de trabalho. A partir daí, uma nova fase se inicia e uma mudança começa a surgir. Estamos agora na segunda parte da narrativa, o que corresponde aos anos de 1994-1999. Nesse período, ela começa a desconstruir tudo aquilo que acreditava saber e conhecer sobre as pessoas negras.

La Grange passa a conviver diariamente com Mandela e com outras pessoas negras. De forma lenta, ela começou a vê-los um pouco diferente, achando-os simpáticos. Eles deixaram de representar as figuras assustadoras que outrora ela acreditava que fossem: “Começava a conversar com eles em linguagem normal, sem pensar que só poderiam entender africâner ou inglês primário”. (LA GRANGE, 2015, p. 39) A elegância, a eficiência e inteligência de sua nova chefe negra, Mary Mxdana, traz mais convicção do quanto ela havia errado em seu julgamento.

Mesmo que naquele tempo, ainda não fosse oficialmente a secretária de Mandela, ele lhe pediu que fizesse parte da pequena delegação sul-africana em suas viagens, o que causava certo desconforto, tendo em vista que seu cargo era inferior e ela deveria se reportar a Mary primeiro e só depois a ele. No entanto, a partir daí, ela passou a dedicar sua vida exclusivamente a ele, chegando ao ponto de estabelecer para si mesma que gostaria das pessoas que gostassem de Mandela, não importando se eram chefes de Estado, amigos,

¹ Até aquela época, apenas os brancos votavam, mas a grande maioria, 1,9 milhão votou pelo fim desse sistema vergonhoso que trouxe inúmeros embargos ao país pela ONU e muitos protestos pelo mundo todo. Então, em 1994, o mundo assistia a posse de Mandela, primeiro presidente eleito da África do Sul.

artistas, familiares. Aqueles que não gostavam dele, também não seriam visto com bons olhos por ela. Nessa época, o presidente era muito amigo de Kadafi, que não tinha uma boa relação com os Estados Unidos e a ONU. Mas ele era amigo de Madiba e, para La Grange, isso bastava.

Por conta desse seu novo posicionamento, muitas vezes, como ela nos relata em sua narrativa, não sentia vontade de ficar perto de seus amigos e alguns parentes, pois eles eram racistas e ainda pensavam como antes, no tempo do apartheid. La Grange compreendia agora que pessoas negras podiam ser tão inteligentes quanto os brancos e até mais. Os assuntos e conversas preconceituosas daqueles que outrora eram seus amigos, não lhe interessavam mais e ela preferia ficar dormindo em seus dias de folgas que vê-las. Passou a se isolar em casa.

Eu estava abraçando a nova África do Sul ao servir ao presidente. No geral, eu me sentia mais tolerante e respeitosa em relação às pessoas independentemente das diferenças na cor de nossa pele, de nossas crenças culturais ou política e da textura de nosso cabelo. Era algo que meus amigos e parte da minha família achavam difícil entender, já que não tinham sido expostos à diversidade à qual eu havia sido exposta. Na África do Sul, não estávamos acostumados a relações inter-raciais, fossem platônicas, românticas ou de natureza profissional. Ainda vivíamos em nossa zona de conforto (LA GRANGE, 2015, p.83).

Vimos então que foi a interação entre a cultura dela e a cultura negra que fizeram com ela passasse a pensar de forma diferente, ou seja, após ser exposta a essa outra cultura, houve uma mudança nas atitudes e na postura de La Grange. Para Nestor Garcia Canclini (2001), esse método é denominado de hibridação, que são os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2001, p. xix).

Para o autor, o processo de hibridação garantiria a sobrevivência da cultura nativa e levaria a um processo de modernização da cultura de elite. O hibridismo cultural, para ele, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas. Por mais que Canclini (2011) tenha analisado esse processo através dos movimentos artísticos na América Latina, acreditamos que o conceito que ele atribui ao hibridismo se encaixe neste estudo.

Já, para Homi Bhabha (2010), o hibridismo funciona como uma ameaça à autoridade colonial. Ele entende hibridismo como um processo “agonístico” e “antagonístico”, resultante do conflito e da tensão da diferenciação cultural. O discurso hegemônico dominante no qual a

autoridade do colonizador é subvertida através da ironia do colonizado exige que suas diferenças culturais sejam observadas, produzindo, assim, um discurso híbrido.

O hibridismo, segundo Bhabha (2010), seria um processo resultante do choque entre essas duas culturas, não se tratando de um simples processo de adaptação e ressignificação cultural como acreditado por Canclini. No processo de negociação entre os valores e significados dessas duas culturas, surge um terceiro espaço, o espaço do híbrido, que não deve ser entendido simplesmente como uma mistura, mas como uma convivência tensa entre eles, dando início a algo novo, diferente das duas instâncias que lhe deram origem.

A narrativa de La Grange também pode ser vista como um texto híbrido, pois o que parecia se tratar de uma autobiografia a princípio, acaba por se tornar uma mistura de autobiografia e biografia. Tomamos emprestado o conceito de R. Folkenflick (1993) *apud* Flavia Benfatti (2013) que diferencia a autobiografia da biografia, afirmando que na biografia deve haver um relato da vida desde o nascimento até a morte, ao passo que na autobiografia, o que interessa é a vida em processo. “Sendo assim, deve-se pensar que esse processo está sujeito a mudanças, reflexões, inquietações e contradições, o que de fato, confere veracidade ao gênero devido à sua flexibilidade.” (BENFATTI, 2013 p.45)

La Grange acaba por narrar nessa sua trajetória de vida, não só suas reflexões sobre tudo o que viveu ao lado de Mandela como faz questão absoluta de demonstrar e enfatizar a sua versão sobre os fatos da vida dele. Ela descreve praticamente todos os momentos da vida desse líder, o que caracteriza uma biografia, como podemos ver na continuação da obra de La Grange, principalmente nas outras duas fases, onde ela vai nos contar fatos que ocorreram em vários momentos, que percorrem a infância, a época em que estava preso até sua morte. E como veremos mais adiante.

Na terceira parte da obra, fase intitulada de “Guardiã do homem mais famoso do mundo”, que corresponde aos anos de 1999-2008, La Grange, se torna finalmente a secretária² de Mandela. Ele pediu a ela que o acompanhasse³. Ambos fizeram um pacto, ela prometeu acompanhá-lo até o fim. Após o término do seu mandato, Madiba tencionava dedicar-se a sua fundação. Ele queria construir escolas, hospitais e precisava levantar fundos para isso.

² Antes de La Grange se tornar oficialmente a secretária chefe do gabinete de Mandela, quem exercia o cargo com vimos anteriormente era Mary Mxdana. Quando essa foi promovida a um cargo no exterior, quem assumiu foi Virginia Engel. La Grange só conseguiu a promoção, no término do mandato do presidente Mandela, mesmo sendo ela a exercê-lo há muito tempo.

³ Na África do Sul, quando um presidente termina seu mandato, ele tem alguns benefícios, dentre eles, poder conservar consigo alguns seguranças e uma secretária.

Precisava de apoio financeiro, o que conseguiu de muitos artistas, chefes de estado e de grandes empresas. A autora descreve minuciosamente todas as viagens feitas, os jantares para conseguir patrocínio e até mesmo lugares onde eles não obtiveram sucesso. O que nos faz crer que além de contar sua história, ela narra em sua obra muito mais sobre Mandela que sobre ela mesma. O que entendemos é que a paixão de La Grange é tão grande por ele e pelo que ele representou que, a história dela, acaba ficando menor diante de tantas coisas que ela acredita que deva contar. O que faz com que essa obra tenha esse caráter híbrido, essa mistura entre os dois gêneros, autobiografia e biografia.

O caráter histórico da obra de La Grange também pode ser visto, como uma forma de dar mais veracidade a tudo o que foi descrito por ela. Portanto, ao somar a história de sua vida, da vida de Mandela, contextualizando dentro de uma cronologia histórica, percebemos que sua narrativa, vai além de uma mera cópia de outras biografias feitas sobre Mandela. O que difere as memórias de La Grange dos outros biógrafos de Madiba, se assim podemos colocá-la nesse patamar, mesmo contrário ao que ela diz no início de sua obra, é exatamente esse caráter híbrido do texto, essa mistura.

A autora continua nessa terceira fase, discorrendo sobre os fatos que aconteceram na vida de ambos. Fatos que mesmo com o passar dos anos, não mudaram, mas acentuaram-se. Como Mandela não era mais presidente, ele não deveria mais responder por coisas do governo, no entanto, muitas pessoas ainda o tratavam como se ainda exercesse o cargo. Ele ainda era tido como uma pessoa influente e capaz de intervir nos mais diferentes casos. O fato de ter seus projetos humanitários repercutindo internacionalmente e sendo chamado inúmeras vezes para negociar a paz em diversos lugares, faziam com que cada vez mais, ele recebesse prêmios em vários eventos ao redor do mundo. A imprensa o perseguia e La Grange tinha que impor limites. Apesar de ser cuidadosa, assegurava que esses limites estabelecidos não fossem ultrapassados por entrevistadores ou repórteres de maneira geral. Por conta de sua atitude firme, ela era tida como uma mulher muito agressiva e controladora.

Já fui descrita como leoa, bruxa e rottweiler. Na condição de guardiã do acesso ao homem mais famoso do mundo, eu tinha de ser dura e ríspida algumas vezes. Poucos compreendiam os desafios que eu enfrentava ao lidar com a imprensa internacional – além de minhas outras tarefas. (LA GRANGE, 2015, p. 217)

Zelda relata que o fato de ser branca e cuidar de Mandela a deixava numa situação bastante complicada perante o partido dele e parte de sua família, o que dificultava cumprir a

promessa feita a Madiba. Muitos não aceitavam o fato dele precisar de uma mulher branca em sua vida. Um dos casos que ela cita em sua narrativa é o fato de um repórter do *Sunday Times* que criticou a equipe de Mandela, alegando que ele deveria ter ficado mais tempo na inauguração de uma escola num bairro negro e culpava La Grange pelo ocorrido. Ela transcreveu um trecho da matéria em sua obra: “Foi muito constrangedor, e muitas pessoas aqui dizem que Mandela, tendo sua vida dirigida por uma certa mulher branca, sempre está com pressa quando comparece a eventos negros. Nos percebemos que, quando ela vai a eventos brancos, fica mais tempo” (LA GRANGE, 2015, p. 228).

Ela tentou se justificar descrevendo Mandela como um homem metucioso que checava pessoalmente sua programação e pedia muitas vezes para sair de eventos em meia hora, não importando a raça ou a natureza do evento. Ainda diz que muitas pessoas não percebiam que ele estava velho e não tinha muita paciência para ficar muito tempo no mesmo lugar. “A questão da raça ainda estava latente e muitas pessoas ainda não haviam aceitado que éramos todos sul-africanos, não importava a cor. Os danos provocados pelo apartheid eram subestimados e se manifestavam” (LA GRANGE, 2015, p. 228).

Mesmo tendo que passar por essas provações todas, ela seguiu firme até o fim e mesmo muitos desaprovando o fato de ele depender de um mulher branca, ela estava disposta a ficar até o dia em que ele quisesse. A cor da pele parece que sempre seria questionada. Mas La Grange contava com uma aliada, a Sra. Machel, esposa de Mandela. As duas se tornaram amigas e como ambas não eram muito bem vistas tanto pela família dele quanto pelo CNA, o partido de Madiba, desenvolveram uma maneira de se ajudarem mutuamente. Josina, filha de Graça Machel também se tornou uma companheira leal para La Grange.

Seguindo na leitura da narrativa, encontramos um Mandela com quase 90 anos, doente. Um câncer de próstata o levou a inúmeras sessões de quimioterapia e radioterapia. Mesmo após sua recuperação, suas viagens internacionais diminuíram e o trabalho de Zelda La Grange também e chegamos então a quarta e última parte de sua obra: “O que vem depois?” 2009-2013.

Nesses últimos anos, apesar da redução de suas atividades, La Grange e Mandela ainda iriam atuar como colaboradores do comitê internacional de futebol que tinham o intuito de levar para a África do Sul, a copa de 2010. No dia da abertura dos jogos, ele não pôde comparecer, pois uma de suas netas veio a falecer e ele foi para Qnu para os procedimentos funerários, voltando somente para a final da Copa. As pessoas pareciam não compreender que ele era um homem de mais de noventa anos e queriam vê-lo, falar com ele, tocá-lo e muitas

vezes, como ela nos conta, ele se sentia muito incomodado, não por conta das pessoas, mas se sentia muito inquieto com toda a situação em si. Queria ficar em casa e quando estava, queria sair e às vezes inventava desculpas para poder sair de casa. O que sempre causava um certo alvoroço porque tinha que se pensar em toda uma estratégia para levá-lo de um lugar a outro.

Inúmeros fatores colaboraram para que os últimos anos se tornasse um pouco pior para La Grange. Ela nos conta que Mandela, de tempos em tempos, sofria uma perda. Essas perdas eram irreparáveis, seus antigos amigos de militância, da época da ilha Robben estavam morrendo e a cada ano que passava, ela percebia que o fim dele logo chegaria. As coisas se tornaram pior, quando mais uma vez, ele foi internado. Dessa vez, quem passou a tomar conta foi uma equipe militar. A partir daí, a imprensa do mundo todo estava na expectativa de anunciar a morte de Madiba, em 2012. Falava-se até em funeral. Duas das filhas de Mandela entraram na justiça para tomar conta de seu patrimônio. Mas foram impedidas, pois Madiba havia deixado para dois advogados de sua inteira confiança a administração de seus bens. No entanto, fecharam o escritório de Mandela e seus funcionários foram demitidos. Em 28 de fevereiro, ela também foi demitida para ser recontratada apenas por meio período, posteriormente.

Eu me senti vazia e sem objetivo, sei que Madiba não teria permitido isso, mas ele já não tomava decisões nem era capaz de verbalizar seus desejos. De fato, ele parecia estar se distanciando lentamente de nós. Estava velho, precisava de cuidados permanentes e não era mais a pessoa alegre que conhecíamos. (LA GRANGE, 2015, p. 339).

A luta para cumprir a promessa feita a Mandela ainda teria um capítulo triste, ela foi proibida de visitá-lo no hospital. No início, Makaziwe, filha de Mandela não permitia e, após inúmeras tentativas, percebeu que já não era mais bem vinda.

Eu me sentia mastigada e cuspidada, sem nenhuma utilidade. E sabia muito bem como Madiba se sentiria a respeito disso, mas não me cabia julgar como ele sentia naquele momento. Eu estava dividida entre lutar e deixar as coisas correrem, e esta última alternativa parece ter sido a lição que levarei comigo (LA GRANGE, 2015, p. 355).

Ela não desistiu. Era uma resistente por excelência. Tentou várias vezes vê-lo. Aproveitava quando sua filha não estava lá e a última vez que o viu vivo foi em 11 de julho de 2013. Ele não conseguia falar mais, no entanto, sorria para ela. Mandela faleceu em dezembro deste mesmo ano e para tristeza de La Grange, teve que acompanhar seu velório a

uma certa distância. Ela não havia conseguido uma credencial para entrar, ficou perto de um telão e de lá assistiu tudo. Somente após uma semana do enterro, conseguiu despedir-se dele, quando retorna a Qnu e visita seu túmulo.

Apesar de não ter ficado até o fim porque foi impedida, La Grange perdoou aqueles que a proibiram e agradece a Madiba por ter mudado sua vida, dando novo rumo. Ela termina a narrativa, reafirmando seu desejo de homenageá-lo todos os anos através do Bikers for Mandela Day, que celebra o Dia Internacional de Mandela. “Nós o veremos em cada pôr do sol e em cada amanhecer. Devemos continuar a segui-lo. Ele olhará por nós se recordarmos suas lições.” (LA GRANGE, 2015 p. 404) Esse trecho final das memórias da autora, confirma o quanto ela se tornou dependente de Mandela, mesmo após sua morte, pois seus ensinamentos permanecerão.

Mesmo que tenha sido questionada por dedicar sua vida a Mandela e não ter se casado nem tido filhos, ela não lamentava por isso e mesmo que tenha lhe dado sua juventude, jamais o culpava por isso: “Eu escolhi assim. Foi um sacrifício? Ou não? Não me sinto aflita ou triste por ter perdido oportunidades. Ganhei tanto. Ganhei a mim mesma. Estou realizada com a vida que tive” (LA GRANGE, 2015, p. 343).

Considerações Finais

No decorrer da narrativa, podemos perceber que La Grange vai entrelaçando sua história com a de Mandela a ponto de acreditarmos que uma não existiria sem a outra. Essa foi a estratégia usada por ela para que ficasse claro o quanto sua vida e toda essa trajetória estava interligada com a história de Madiba nas quase duas décadas que desfrutaram um da companhia do outro. Ela deixa claro também que foi o posicionamento dele, sua honestidade e integridade que fizeram com que ela tomasse um posicionamento diferente daquele que tinha anteriormente.

Mesmo ao trazer a público sua história de vida, podemos observar que já no título da narrativa “*Good Morning, Mr. Mandela*” ela deixa claro que se coloca como uma pessoa que está ali para servir. Essa era a expressão dita sempre que o recebia, seja após abrir a porta do carro, descer de um avião ou ainda de um helicóptero. Ela estava sempre pronta. Mesmo que muitas vezes encontramos seus questionamentos ao dizer que se sentia de certa forma despreparada para exercer tal função, tendo em vista sua inexperiência. O que reforça ainda mais o que foi dito anteriormente, o caráter conflituoso de La Grange, que acaba reproduzindo esse conflito em sua obra.

Referências

- BENFATTI, F. A. R. *Pornografia e Criticidade: As faces de Henry Miller em Tropic of Cancer e Tropic of Capricorn sob o viés autobiográfico*. Tese de Doutorado. USP, 2013.
- BHABHA, H. K. The third space. In: RUTHERFORD, J. (ed). *Identity community, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 207-221.
- CANCLINI, N. G. Introdução à edição de 2001. As culturas híbridas em tempos de globalização. In: *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. _____ . *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- FAULHABER, G.M. A autobiografia e o romance autobiográfico. *Durandina Revisteletrônica*. VI Simpósio em Literatura Crítica e Cultural. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Faculdades de Letras UFJF. www.ufjf.br/durandina. Visualizado em 30 de mar. de 2016.
- LA GRANGE, Z. *Good Morning, Mr. Mandela*. London: Penguin Books, 2014.
- LA GRANGE, Z. *Bom dia, Sr. Mandela*. Trad. de Felipe José Lindoso. 1 ed. Ribeirão Preto Novo Conceito Editora, 2015.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet*. NORONHA, Jovita M.G. (org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MANDELA, N. *Apontamentos para o Futuro: palavras de sabedoria*. Trad. Por Nina Bandeira. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2013.
- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos Penesb* (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira). UFF, Rio de Janeiro, nº 5, 2004, pp. 15–34.
- VILLAR, M. S. A autobiografia como discurso de poder. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicações/cadernos/9n6/marilia_villar>. Acesso em: 3 mar. 2016.